

KIROBO MINI

Técnicos japoneses da Toyota tiveram original idéia para atenuar o grave problema de sono dos motoristas que viajam sós: criaram pequenino robô, de não mais do que dez centímetros de altura, para lhes fazer companhia, o que se reveste de grande importância principalmente em países de baixos índices de natalidade. Trata-se do Kirobo Mini, capaz de movimentar cabeça, braços e pés, assim como de reconhecer pessoas e manter diálogos simples. Tudo isso possível porque dotado de inteligência artificial.

Sempre que ouço falar em inteligência artificial, recordo-me da histórica disputa entre o enxadrista russo campeão mundial e um potente computador munido de programa em que praticamente todas as aberturas e lances do jogo até então conhecidos, estavam estudados e bem resolvidos. Minha torcida foi toda para o enxadrista, pois sempre repugnou-me viver em mundo dominado pelas máquinas.

Contudo, ninguém vá pensar que sou avesso às conquistas e inovações tecnológicas. Meu carro, por exemplo, é dotado de muitos recursos nominados por misteriosas siglas em inglês, cujo significado quase sempre me escapa e para cujo uso costumo valer-me do neto. Às vezes até penso que ele nasceu sabendo dessas coisas todas, tamanha a facilidade com que destrincha tudo. Hoje, entendo perfeitamente porque, faz alguns anos, um dos grandes jornais paulistas lançou programa de informática em três níveis: no mais elementar aparecia a figura de senhor idoso, cãs muito brancas e óculos de grossas lentes, enquanto que, no de nível superior, sorridente moleque com ares de que estava tirando aquilo tudo de letra...

Pois bem, em meu entendimento de leigo – e mais que isso, de completo néscio no assunto – a inteligência artificial,

em sentido amplo, é processada em computador cujo programa engloba todos os campos do conhecimento humano, com as respostas possíveis às questões por eles suscitadas. Sua aplicação corrente, contudo, limita-se a campos específicos. Um exemplo bem elementar encontrei no i-phone: quando escrevo um texto, às primeiras letras digitadas já surgem na tela as possíveis palavras que estou pretendendo escrever. Então, sendo uma delas a pretendida, basta um clique para sua imediata transferência ao texto. Foi a “inteligência artificial” de que o aparelho está dotado que “adivinhou” o que eu estava querendo digitar.

O que não sei é se existe uma “inteligência emocional artificial”. Explicando-me melhor: muitas das decisões humanas não são tomadas com base na lógica formal, mas sim em sentimentos subjetivos. Isso não significa que sejam erradas, desde que nos levem à felicidade temporal desejada. Será que algum programa de computador consegue fazer isso?

Na semana passada, viajando tranquilamente com a esposa, falei-lhe do simpático Kirobo, de tudo o que ele é capaz de fazer, inclusive servir-me de companhia quando viajo sozinho. “Mas você nunca viaja sozinho, estou sempre ao seu lado”, retrucou ela. Tive que concordar, pois sempre estamos juntos, pondo a conversa em dia, ouvindo música ou em silêncio enquanto ela reza o terço, talvez porque não confie muito no motorista... “Mas”, argumentei, “pequenino como é, ele pode ficar fazendo cafuné em mim...” Não esperava resposta tão peremptória: “Esquece essa bobagem de brinquedinho japonês. Só quem faz cafuné em você, sou eu”. Adorei...

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com